

EDITORIAL

POESIA E POLÍTICA

Em tempos de extrema “especialização”, cuja obsessão tem servido de palco para a vaidade acadêmica muitas vezes ensimesmada, o tema Poesia e Política, do presente dossiê, abre espaço para uma relação mais do que milenar, diríamos até se tratar de uma questão indissociável da literatura, pois todo discurso é político, seja “literário” ou não. Entretanto, parece ainda ser estranha a ideia da poesia em diálogo com a política, ou, mais especificamente, com seus campos mais concretos, como a poesia de resistência, a poesia engajada e a poesia de testemunho.

Os cinco artigos do presente dossiê mostram a pertinência crítica desta questão entre poesia e política, tanto no plano temático quanto no linguístico. Este número da *Texto Poético* apresenta trabalhos com objetos e abordagens variados em torno do tema, com predominância de poéticas do século XX e XXI, mas com uma importante retomada das relações entre poesia e política no violento processo de colonização e seu desague no contexto brasileiro atual.

No artigo de abertura, “Da épica do genocídio à poética do testemunho: uma leitura dos versos de José de Anchieta, Renata Machado Tupinambá e Wilberth Salgueiro”, Paula Siega realiza (sem cair, em momento algum, no famigerado anacronismo ou na superinterpretação engajada) um apurado e raro trabalho de mergulho textual no cronologicamente amplo corpus analisado; mais especificamente, trabalha com um arco temporal de ao menos cinco séculos, desde a invasão portuguesa até o infame último governo autoritário findo em 2022, mas cujos traumas individuais e coletivos permanecem em nosso cotidiano.

Ao conceito de trauma, tão bem sustentado ao longo do artigo e empregado de modo cuidadoso, soma-se o conceito de violência, intrínseca à formação social e histórica no mundo colonial e no pós-independência. O mesmo cuidado e domínio de uso e debate aparece no corpus analisado, que vai de Anchieta a Renata Tupinambá, assim como no apoio teórico utilizado, de Hansen a Bosi

e Ginzburg, no Brasil, de Bakhtin a Adorno, passando por referências atuais no debate sobre as relações entre violência e seus impactos na literatura antiga, moderna e contemporânea.

Alexandre Pilatti, por sua vez, nos brinda com uma análise aguda das relações entre poema e contexto de produção em seu artigo “De Bandeira para Craveiro: poesia, circunstância e política”, propondo uma leitura minuciosa que aponta para a capacidade crítica de um singelo poema de circunstância surgido de uma visita oficial de um ditador a nosso país.

Ao retomar os referentes históricos e políticos do poema de Manuel Bandeira, o artigo de Pilatti vai de encontro ao lugar-comum de indiferença política por parte da poesia de circunstância bem como de sua suposta datação. Sua análise interna do poema, em diálogo com seu mote, a visita do ditador General Craveiro Lopes ao Brasil, vai ampliando a complexidade do “simples” poema de circunstância bandeiriano, tornando-o impactante a cada passo de sua discussão.

O terceiro artigo, “O coração do trabalho poético de Carlos de Oliveira: que coração! Que coração?”, de Lúcia Melo de Sousa, aponta para um movimento complexo e delicado na poesia do grande escritor português Carlos de Oliveira: do engajamento neorrealista para uma subjetivação, a qual aparece no recorrente uso da imagem do coração. Essa mudança não leva sua poesia, segundo a autora, para um campo de subjetividade vazia e individualista, mas para um espaço de crise e crítica, no qual aparecem diversas questões políticas, que, nas palavras da autora, levam a uma rica “desestabilização dos pares opositivos, solapando a pseudo-divisão entre arte empenhada e arte pura, ou arte autônoma ou submetida ao regime representativo da arte que remonta a Platão.”

O quarto texto do dossiê se intitula “Sobre a vertente política na escrita crítica e literária de Paulo Roberto Sodré”, de autoria de Cristina Moura e Nelson Martinelli Filho, e recupera aspectos da vida e da produção do escritor capixaba, visando dar destaque para elementos políticos presentes em seus textos. Dentre os aspectos selecionados, os poemas de Sodré permitem uma reflexão sobre a opressão contra a mulher (como aparece em “A tocadora de flauta” e “Cant ridas e a poesia pantagru lica”) e a violência contra os povos originários (observada em seus livros *Um pássaro de fogo* e *Poemas desconcertantes* e, em particular,

no poema “Visitação”). A vertente política, como bem demonstra a análise, não anula a dimensão lírica dos textos, ao contrário, lhes dá força para uma projeção mais contundente de sentimentos de tristeza, incompreensão e injustiça.

O quinto e último artigo do dossiê, escrito por Marcelo Ferraz de Paula, intitula-se “A escrita em profusão na poesia testemunhal de Maciel de Aguiar”. Nele o autor apresenta e discute a obra de um poeta quase desconhecido no debate poético brasileiro, mas que se notabilizou por escrever uma monumental obra, composta por 4 volumes e mais de 600 poemas, profundamente marcada pelo período de maior truculência da ditadura militar. Para compreender essa singular produção, o crítico recorre a formulações teóricas do campo do testemunho e desenvolve uma leitura fina de um poema representativo da obra de Maciel de Aguiar, situando esse poeta no âmbito das memórias poéticas dos anos de chumbo.

Além do dossiê temático, este número traz também um artigo na seção Vária, a saber: “‘Metade fêmea metade mar como as sereias’: significações do mar na poesia de Natália Correia”, de Rui Tavares de Faria. O intérprete demonstra que o mar é um tema constante na poesia de Natália Correia porque, se, por um lado, ajuda na preservação de certas memórias, por outro, mas não desvinculado deste, empresta sentido a sua existência. Com isso, “o mar configura a sua identidade enquanto poetisa, porque nele ela vê uma forte ligação de pertença”. Com base nisso, o articulista analisa poemas em que o mar é lugar de pertença e identidade (como o que se verifica no poema XIV, de *Rio de Nuvens*, ou em “A exaltação da pele”, de *Poemas*), é evocação de despedida (como no soneto “Manhã cinzenta”) e de novas experiência (como se depreende em “Mãe Ilha”).

Feçam o número duas resenhas. A primeira aborda o livro *Esses dias partidos* (São Paulo, Editora Patuá, 2022), de Vera Lúcia de Oliveira. A autora da resenha, Gislei Martins de Souza Oliveira, explica que se trata de uma coletânea de poemas selecionados de outros livros de Vera Lúcia já publicados, porém que tem o mérito de reunir textos engajados, porque capturam, principalmente, os dilemas cotidianos das minorias, trazendo à baila “o onírico, a memória e as questões existenciais que afligem a humanidade como um todo”.

Na segunda resenha, Luiz Eduardo Andrade apresenta a obra *Jogos de verdade* (Londrina, Ed. Instituto Chico Santos, 2022), de Chris Ritchie. Trata-

se de um livro relacionado à literatura infanto-juvenil, com um projeto gráfico-editorial criativo e interessante que “amplia o sentido dos poemas por meio da experiência sensorial dos leitores”. Segundo Andrade, o livro de Ritchie traz poemas que fazem o leitor refletir, sobretudo, acerca da linguagem, mas também sobre temas como a finitude do ser, a complexidade dos afetos, a descoberta amorosa, questões raciais, os conflitos entre os jovens e as dúvidas tão comuns a eles a respeito de situações diversas da vida.

Boa leitura!

Cristiano Augusto da Silva *

Lizandro Carlos Calegari **

* Professor Doutor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Brasil. E-mail: casilva@uesc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5905-1660>.

** Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Brasil. E-mail: lizandro.calegari@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7104-1833>